

A lição de Oklahoma

José Sarney

Outrora, considerava-se a violência sob dois aspectos: a violência da guerra e a violência da paz. Nesta, era crime matar, na outra matar era uma obrigação. O mundo passou a ser cada dia mais violento. Uma estatística sobre a ocorrência de guerras, sendo esta considerada conflito de certa duração, aponta que no século XII elas eram 0,2%. No século XX, até 1945, eram 8,12%. Hoje, estes números são maiores. Tudo passou a ser global, e a violência também não podia deixar de o ser. O atentado de Oklahoma mostra que não há país invulnerável a este tipo de violência, que é o terrorismo. Suas motivações, antes majoritariamente localizadas nas causas políticas, hoje ganham expressões dramáticas nas seitas, nos grupos de fanatismo, no fundamentalismo.

O gás do metrô do Japão, os atentados dos bascos na Espanha, o carro-bomba do World Trade Center, o atentado contra a Associação de Mutuários Israelitas da Argentina trazem todos, em conjunto, o desprezo pela vida humana, o desejo de matar, gratuitamente, para cumprir um doentio cultivo da morte e da violência. Desaparece até o mais cínico dos argumentos, de que é a motivação de atentar contra a vida das pessoas, para se cumprir apenas um gesto de terror, não importando a quem nem a quantos atingir.

Cervantes, quando descobriu o arcabuz, considerou-o uma invenção do diabo, pois era um meio covarde pelo qual o mais vil de todos poderia tirar a vida de um bravo, sem lutar. O que não dizer, agora, do terrorismo que cria o pânico, o pavor, o medo, a insegurança das pessoas. Os Estados Unidos sempre foram um país conflituoso. Ali, seria impossível a existência de um estado nacional se não fosse o seu respeito e temor da justiça, que decide todos os conflitos e todos respeitam. A meu ver, a grande fiadora da democracia americana é a justiça. Pois bem, já nos anos 60, Rap Brown, chefe do grupo de violência racial Panteras Negras, dizia que "este país nasceu da violência e esta é tão americana como a cereja". Que não diria, hoje, do primitivismo dos seus conflitos de rua, vendo o que aconteceu em Oklahoma. Por outro lado, é daquele tempo o

movimento da contra-cultura que disseminava perifericamente uma filosofia da violência, existindo mesmo um texto de um estudante de Harvard, dos anos 70, denominado "Defesa do Terrorismo", em que diz que o terrorismo "pode ajudar o conhecimento da transcendência... Fazer ir pelos ares edifícios, pode mostrar que nós somos sérios".

O que aconteceu em Oklahoma indica que é mais difícil prevenir esta guerra suja em que o mundo está mergulhado, cada vez mais no terreno da violência, do que a guerra convencional. O mundo vi-

veu vários tipos de guerra, a idade da bravura, da espada e da lança, no começo dos séculos, e, por último, a ameaça da guerra nuclear, que seria ou poderá ser o fim dos tempos e da vida na face da Terra. Contra a primeira se construíam escudos e armaduras; contra a segunda, mísseis antibalísticos, abrigos e casamatas. Contra o terrorismo nada se pode construir, senão manter um permanente serviço de inteligência, de informação e de especialização em acompanhar e detectar qualquer ameaça potencial à sociedade.

O caso do Japão e dos Estados

Unidos mostram a vulnerabilidade de todos os países a ações dessa natureza, que devem se unir, num trabalho de cooperação em nível mundial, para evitar que se torne inevitável termos encontrado a paz, mas vivermos mergulhados no medo e no temor, gerados pela ameaça do terror organizado, sem pátria, sem qualquer forma de sentimento e apenas cultivando o gosto de matar, pela simples frustração de pertencer ao gênero humano.

José Sarney, ex-Presidente da República, é Presidente do Congresso Nacional.

